

saúde coronavírus

Povos isolados no AM têm 2 óbitos em 3 dias

Covid avança no Vale do Javari, que abriga 19 aldeias isoladas e onde vivem 6.900 pessoas de 26 povos indígenas

Monica Prestes

MANAUS A Terra Indígena Vale do Javari, no Amazonas, registrou as duas primeiras mortes de indígenas por Covid-19 em intervalo de três dias, aumentando a preocupação com o avanço da pandemia para territórios onde vivem, pelo menos, 19 povos indígenas isolados, a maior concentração de não contatados do mundo.

No domingo (5), a Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai) confirmou a morte de Djalma Marubo, 83, que morava na Aldeia da Praia, em Atalaia do Norte, no Amazonas. Dois dias depois, na terça (8), foi registrada a morte da indígena Neuraci Oliveira, 44, que é de origem Tikuna e era casada com um Kanamari. Ela morreu no Hospital de Guarnição de Tabatinga, na região do Alto Rio Solimões, também no Amazonas, após contrair o vírus no hospital de Benjamin Constant, onde fazia tratamento de saúde.

Até segunda (6), data do último boletim da Sesai, o Distrito Sanitário Especial Indígena (Dsei) Vale do Javari tinha 123 casos confirmados de Covid entre os índios. Eles já haviam denunciado o início da contaminação via agentes da Sesai, que levaram o vírus para as aldeias no início de junho.

O Vale do Javari é uma das 488 Terras Indígenas (TI), áreas de propriedade da União, habitadas por um ou mais comunidades indígenas. São bens públicos, e "como tal é inalienável e indisponível, e os direitos sobre ela são imprescritíveis", informa a Sesai (Fundação Nacional do Índio).

As duas mortes em intervalo tão curto de tempo, o aumento dos casos confirmados, a subnotificação e a ineficácia das ações do poder público em conter o avanço do vírus nos territórios indígenas



Anita e Nilton, da etnia Marubo, que contraíram o novo coronavírus, são atendidos em Atalaia do Norte. Exaristo Sá/APP



reforçam a ameaça da Covid aos povos isolados, alerta a Coordenação das Organizações dos Povos Indígenas da Amazônia Brasileira (Coaiab).

"Não adianta os indígenas ficarem em isolamento se a ameaça continua dentro das terras indígenas, com caçadores, pescadores, garimpeiros e traficantes de drogas invadindo nossos territórios. Eles são vetores", disse a coordenadora-geral da Coaiab, Nara Baré, citando o exemplo de Djalma Marubo, que foi contaminado sem ter saído da aldeia.

Segundo ela, o avanço dos casos no Vale do Javari e a omissão do poder público frente a essa nova ameaça preocupa tanto que os indígenas decidiram, por conta própria, instalar uma barreira sanitária na área, para controlar o acesso de quem entre e quem

saie, assim, reduzir o risco de contaminação nas aldeias.

"Nosso estilo de vida, em que tudo é comunitário, acelera a disseminação dentro da aldeia, por isso temos que evitar a todo custo que o vírus chegue ao primeiro indígena, ou ele contaminará aldeias inteiras, como já está acontecendo em algumas regiões da Amazônia", disse Baré.

O Instituto Socioambiental (ISA) diz que 6.900 pessoas de 26 povos indígenas vivem no Vale do Javari, que abriga, além das 19 aldeias de isoladas, as etnias Korubo, Kanamari, Kulina, Tano, Marubo, Matis, Matsésé e Tsohom-dyapa, estas últimas de contato recente.

Para o representante da União dos Povos Indígenas do Vale do Javari (Univaja), Chorimpa Marubo, a falta de fiscalização dos órgãos ambientais

e indigenistas dentro e no entorno do Vale do Javari vem encorajando o avanço dos crimes ambientais e para cada vez mais perto das aldeias. O fato de a Terra Indígena fazer fronteira com o Acre e o Peru, áreas onde há trânsito de invasores, também é um complicador, aponta Marubo.

Segundo ele, a Funai mantém agentes de fiscalização em só uma das quatro bases de fiscalização existentes no Vale do Javari. Nas demais bases, bem como na barreira sanitária instalada na área, a fiscalização cabe aos próprios indígenas, que atuam de maneira voluntária para tentar controlar o acesso aos territórios.

"Nosso maior medo são os isolados. Nós temos que protegê-los, pois eles têm uma imunidade muito baixa e, infelizmente, há muitos intrusos

nesses territórios, onde o acesso é livre pelos varadouros. Se o Covid chegar lá, vamos perder muitas vidas", disse Marubo.

A baixa resposta imunológica que os indígenas têm para vírus, como o Sars-CoV-2, é outra preocupação de Nara Baré. E tem fundamento. Um estudo do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam), em parceria com a Coiab, revelou que a taxa de mortalidade (óbitos por 100 mil habitantes) por Covid-19 entre indígenas é 150% maior que a média dos brasileiros não indígenas. Já a letalidade entre os indígenas, ou seja, a proporção de pessoas infectadas pelo vírus que morreram, é de 6,8%, acima da média nacional, de 5%.

"É cientificamente comprovado que os indígenas têm sistema imunológico com menor resistência, vide como a gripe, a varíola e o sarampo dizimaram as comunidades indígenas nas décadas de 1970 e 1980, após os primeiros contatos com os isolados", disse Baré.

Em toda a Amazônia brasileira, a Coiab registrou, até o último dia 7, mais de 8.000 casos confirmados de Covid-19 em 99 povos indígenas e 390 óbitos, que atingiram 67 povos diferentes na Amazônia. Com a maior população indígena, o Amazonas é o estado com o maior número de óbitos de indígenas pela doença: 168 — 57 delas entre indígenas Kokama. Em seguida aparecem o Pará (74), Roraima (44) e Mato Grosso (43).

Sobre a morte de Neuraci, a Secretaria de Saúde do Amazonas informou que ela recebeu até suporte respiratório e estava na fila para transferência para Manaus, mas não resistiu. Ainda segundo o governo, foram enviados ao interior do Amazonas, onde não há leitos de UTI, 108 respiradores.

A Funai não se manifestou até a conclusão desta edição.

OMS vê pandemia acelerar e pede união a países

BRASIL E GENEBRA | AFP A pandemia da Covid-19 "se acelera", como demonstram os 400 mil novos casos confirmados registrados no fim de semana passado (dias 4 e 5), advertiu, na última terça-feira (7), o diretor-geral da OMS (Organização Mundial da Saúde), Tedros Adhanom Ghebreyesus, ressaltando que o mundo ainda não atingiu o pico da doença.

"Embora o número de mortes pareça ter se estabilizado em nível mundial, na realidade, alguns países fizeram avanços significativos na redução do número de casos, enquanto que, em outros, os mortos continuam crescendo [em número]", declarou Ghebreyesus, em uma teleconferência.

Nesta quinta-feira (9), Ghebreyesus afirmou que a comunidade internacional está dividida e que essa

situação faz com que o novo coronavírus ganhe terreno. A declaração é uma resposta sutil à confirmação de que os EUA deixarão a organização por decisão do governo de Donald Trump.

"As divisões entre nós fazem com que o vírus ganhe terreno. Não poderemos derrotar a pandemia se estamos divididos", afirmou.

Uma das nações que assistem ao avanço do coronavírus é o Brasil. Na terça, após a confirmação de que o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) está com Covid-19, a Oms (Organização Pan-Americana da Saúde) pediu ao Brasil que fortaleça suas medidas de contenção ao vírus e deseje uma rápida recuperação ao mandatário brasileiro. O país é hoje o segundo em número de casos e mortes pela doença, atrás apenas dos EUA.

Marcos Espinal, diretor de

doenças transmissíveis da Oms, disse, em entrevista coletiva que o fato de Bolsonaro ter sido contaminado mostra que o vírus "não respeita raças ou pessoas poderosas", e lembrou dos contágios do primeiro ministro do Reino Unido, Boris Johnson, e do presidente de Honduras, Juan Orlando Hernández, ambos já recuperados.

"Portanto, é importante que, independentemente de o presidente ser afetado, o país continue a fortalecer medidas. Aqui está um exemplo de que ainda não estamos controlando completamente esse vírus", acrescentou.

Espinal enfatizou que o pacote de medidas recomendada pela Oms, que inclui diretrizes para a distância física entre pessoas, o uso de máscara e a lavagem constante das mãos, demonstrou funcionar. Mesmo antes de a Oms de-

clarar o novo coronavírus uma pandemia global em meados do mês de março, o presidente brasileiro minimizou a gravidade da doença, a qual chamou de "gripinha", participou de eventos públicos sem usar máscara e questionou as medidas de isolamento social implementadas em vários estados.

A diretora da Oms, Carissa Etienne, afirmou que o Brasil atualmente representa cerca de um quarto dos novos casos nas Américas, o atual epicentro da pandemia.

"Dois meses atrás, os Estados Unidos representavam 75% dos casos em nossa região. Na semana passada, registraram menos da metade dos casos na região, enquanto a América Latina e o Caribe registraram mais de 50% dos casos, e apenas o Brasil foi responsável por cerca de um quarto deles", disse ela.

Bolsonaro falar que máscara é 'coisa de viado' não ofende tanto

OPINIÃO

Renan Sukevicius

SÃO PAULO A fala de Jair Bolsonaro tem poder. Destruído, muitas vezes. Ecoa por dias, semanas. O silêncio também. O Brasil pôde respirar melhor nos dias em que o presidente suspendeu suas falas à imprensa, interrompendo a cena dos belcos aos Poderes e ameaças de rompimentos institucionais.

Mas mais pelo cargo do que pela pessoa, as falas de Bolsonaro também construíram consenso. A coluna Mônica Bergamo trouxe, na quarta, detalhes sobre o cuidado (ou a falta dele) que o presidente tem com o vírus. A máscara, indispensável na prevenção, é tida por ele como "coisa de viado". A notícia inundou a internet com críticas à fala. Mas

gerou onda de orgulho dos muitos "viados" do país. Não é de hoje, viado, com i no lugar do e, bem coloquial, vem ressignificando. Deixando de ser ofensa para virar orgulho.

Nos EUA, isso ocorreu com a palavra queer. De estranho, passou a representar quem não se encaixa no padrão heteronormativo e binário. E hoje a letra Q integra a sigla LGBTQIA+.

Ser LGBT é andar de carona com a morte. As travestis têm os 35 anos como expectativa de vida e relações homoafetivas são condenadas em mais de 60 países. LGBTs são assassinados só por serem quem são. Assombrada pela homotransfobia e estigmatizada pela Aids, a comunidade LGBT tem como presente ser associada à máscara, símbolo da vida na pandemia que já matou quase 70 mil no país.

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Amou a música clássica além das teclas do piano

ROSANA MARIA MARTINS (1948-2020)

Patrícia Pasquini

SÃO PAULO O primeiro contato da carioca Rosana Martins com a música ocorreu dentro de casa. A mãe havia estudado canto lírico. Aos dois anos, ganhou do avô um piano de brinquedo e a avó lhe ensinava leitura musical.

Rosana tinha os estímulos familiares, mas também um coração predestinado a

amar a música clássica.

Aos dois anos, aprendeu piano. Pouco tempo depois, participou e ganhou um concurso da TV Tupi. Através dele, conheceu o também pianista Nelson Freire. A amizade durou toda a vida.

Ainda criança ganhou outros concursos e participou de concertos no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Aos 16, Rosana viajou a Lon-

dras para estudar piano. Dois anos depois, com o mesmo objetivo, mudou-se para Nova York, onde casou-se com o primeiro marido, Alan Silver, um produtor responsável pela gravação de grandes pianistas. Ainda teve passagens pela França e Alemanha antes de retornar ao Brasil.

Rosana venceu o Concurso Internacional da Juventude Musical, em Berlim, e conheceu o pianista Arthur Rubinstein.

Depois de Alan, vieram outros relacionamentos. O último com Arthur Moreira Lima, que também rendeu uma parceria profissional. Rosana foi

produtora do oitavo projeto do lançamento da discografia com 41 CDs do pianista.

Na capital paulista, trabalhou como conselheira na Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, nos tempos de John Neschling. Rosana chegou a gravar um disco de sonatas de Mozart. A obra foi premiada nos EUA.

Apesar de ter deixado o piano antes dos 20 anos, nunca abandonou a música. O filho, o programador Albert Winston Silver, 50, conta que Rosana se transformou numa espécie de produtora e relações públicas de artistas, e abria oportunidade a novos

talentos. Ela era dona de uma cultura musical que ultrapassava as teclas do piano.

Rosana Maria Martins morreu dia 1º de julho, aos 72, de infarto. Deixa dois filhos e dois netos.

PROFª CLAUDETE DE PAULA NEVES Aos 65, solteira. Quinta (9/7), Cemitério Municipal de Bebedouro

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3244-000. Seg, a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3244-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para a checagem das informações.

7º DIA

NELLY NUNES DA SILVA PARES Neste sábado (11/7) às 15h, Santuário Nossa Sra do Rosário de Fátima, Avenida Dr Arnaldo 1831, Sumaré

EM MEMÓRIA

PASCOAL RUBENS CREMA FALCETTO (20º ANO DE SACRAMENTO) Neste sábado (11/7) às 08h30, Igreja de Santa Terezinha, Higienópolis (SP)